

#cm

2

TERÇA-FEIRA

Carminho aponta novos caminhos para o fado PÁGINA 3 	Cult de Wim Wenders, 'Paris, Texas' volta às salas cariocas PÁGINA 5 	José Ruy Gandra resgata em livro luta estudantil contra a ditadura PÁGINA 7 
---	---	--



Nil Canine/Divulgação

Novela inacabada do autor checo ganha adaptação teatral com Marcelo Olinto explorando paranoia e isolamento

Aderradeira obra de Franz Kafka chega aos palcos cariocas em montagem que adentra na atmosfera claustrofóbica característica do escritor checo. “A Construção”, novela escrita seis meses antes da morte do autor em 1924 e publicada postumamente, chega os palcos na interpretação de Marcelo Olinto, sob direção de Beto Brown. No espetáculo, adaptado por Pedro Emanuel, Olinto

SERVIÇO
A CONSTRUÇÃO
Sesc Copacabana
(Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 2/11, de quinta a domingo (19h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

interpreta um texugo obcecado pela construção de sua toca subterrânea, oscilando entre orgulho de sua obra e terror paranoico de invasão por inimigos reais ou imaginários. A necessidade de abrigo e o medo da morte permeiam a dramaturgia. “Sempre me chamou atenção o fato de esse texto ser uma crítica à burguesia, desse lugar da pessoa nunca querer partilhar”, revela Olinto, idealizador do projeto. Brown, que retorna ao universo kafkiano após “Macaco”. “Esse burguês é egoísta ao máximo, mas ama a propriedade dele”, opina.

Celso (Carlos Marinho) é um imigrante venezuelano que faz entregas em Niterói

Um microcosmo de tensões

Peça de João Cícero Bezerra, 'Tarde' coloca em cena migrante venezuelano e médico brasileiro para expor as contradições sociais que vivemos

Um encontro inesperado nas ruas de Niterói é ponto de partida de João Cícero Bezerra para mergulhar nas feridas abertas do país com o espetáculo "Tarde", em cartaz no Espaço ABU. A dramaturgia junta dois personagens que simbolizam as contradições de uma sociedade em crise: Celso, um migrante venezuelano que sobrevive pedalando longas horas fazendo entregas; e Joel, médico brasileiro em colapso emocional, marcado pela depressão e dependência química.

Entre setembro de 2024 e abril de 2025, o próprio autor realizou 120 viagens como motorista de Uber Flash, registrando os ritmos e a realidade niteroiense. Essa imersão no cotidiano urbano, somada ao contato direto com imigrantes que vivem no Morro do Estado, dá à dramaturgia uma autenticidade documental. "As ruas, instituições públicas e clínicas do SUS são citadas com seus nomes reais, compondo uma cartografia dramática inédita", explica o dramaturgo.

O encontro entre os dois

protagonistas, interpretados por Carlos Marinho e Jaderson Fialho, funciona como um microcosmo das tensões que atravessam o Brasil. A relação entre o migrante e o brasileiro projeta questões geopolíticas amplas, onde deslocamentos forçados, fronteiras e desigualdades se manifestam na vida cotidiana com violência, mas também com resistência. A cidade retratada surge dividida entre bairros de classe média alta e morros empobrecidos, espelhando um país onde o trabalho precarizado dos aplicativos e entregas entra em

choque com um sistema de saúde pública em colapso.

Ao explorar o rebaixamento de carreiras, o dramaturgo trabalha com referências teóricas, como a obra do sociólogo Richard Sennett, autor de "A Corrosão do Caráter". O texto explora a ascensão do capitalismo flexível, que corrói valores éticos fundamentais, trazendo à cena o paradoxo entre vício e virtude na relação entre os personagens. Questões como xenofobia, dependência química, luta de classes e precarização do trabalho emergem a partir de vivências concretas observadas na cidade.

"Tarde" experimenta fluxos de pensamento e trilinguismo, promovendo o que o autor define como "dialogismo monológico" que desestabiliza fronteiras

formais tradicionais. A peça é marcada por diálogos intensos, monólogos interiores e polifonia de vozes para trazer à tona questões como migração, desigualdade, doença, solidão e dignidade humana.

Com direção do próprio autor, a montagem tem cenário e figurino assinados por João Dalla Rosa. A iluminação fica por conta de Thaisa Santoth, enquanto a trilha sonora é criada por Márcio Pizzi. Cilene Guedes assina a assistência de direção e Larissa Benassi a assistência de produção.

"'Tarde' convida o público a refletir sobre vidas que se cruzam e se desfazem nas ruas, nos hospitais e nas tardes da cidade", resume Bezerra.

SERVIÇO

TARDE

Espaço ABU (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 249, Loja E). | Até 2/11, de sexta a domingo (20h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Carminho propõe novas sonoridades para seu fado em ‘Eu Vou Morrer de Amor ou Resistir’, o álbum mais experimental de sua discografia

Por Affonso Nunes

Ela nasceu com o fado e com ele se criou, mas Carminho é hoje bem mais que uma fadista. Às vésperas de mais uma vinda ao Brasil, a cantora portuguesa acaba de lançar “Eu Vou Morrer de Amor ou Resistir”, seu mais novo álbum e considerado pela própria artista o trabalho mais ousado de sua carreira.

Carminho consolida sua posição como uma das principais renovadoras do fado contemporâneo com este disco que revela ao público uma artista cada vez mais envolvida com a autoridade e disposta a expandir as fronteiras tradicionais do gênero que a consagrou mundialmente.

Gravado nos Estúdios Namouche, em Lisboa, e lançado pela Sony Music, o álbum marca uma nova fase criativa na carreira da artista. Aqui Carminho assume seu protagonismo como compositora ao assinar oito das onze faixas, além de dividir a produção executiva com Miguel Isaac. Não contente em apenas interpretar o repertório clássico do fado, Carminho aponta novos caminhos para o gênero, afinal renovar é preciso.

“Morre-se muito de amor no fado, mas poder resistir é algo que me interessa e me interessa cantar”, explica a artista, ao comentar o título do álbum.

A presença feminina permeia o trabalho, a começar pela participação da estadunidense Laurie Anderson - um ícone do experimentalismo sonoro - na faixa “Saber”. A vanguardista oferece um contraponto sussurrado em inglês à emocionada voz de Carminho. A parceria sinaliza a abertura de Carminho para influências externas e sua disposição em dialogar com diferentes gêneros, mas mantendo as raízes fadistas como fio condutor desta obra que se abre.

O álbum revela também o apreço de



Paul Natkin/Divulgação



Divulgação

Carminho, cantora e compositora portuguesa, assume influências eletrônicas num trabalho arrojado

O repertório inclui ainda “Canção à Ausente”, com música de Carminho sobre versos do poeta Pedro Homem de Mello, originalmente publicados em 1939, que encenam a tensão entre esperança amorosa e frustração da ausência. A artista também prestou homenagem a Amália Rodrigues em “Sofrendo da Alma”, compondo música sobre versos da maior intérprete da história do fado.

Filha da fadista Teresa Siqueira, Carminho cresceu imersa no universo do fado, mas inicialmente seguiu outros caminhos, formando-se em Marketing antes de abraçar definitivamente a música. Estreou com o álbum “Fado” (2009) e conquistou importantes premiações como o Globo de Ouro português e o World Music Awards.

Em mais de 15 anos de carreira, sua discografia inclui trabalhos aclamados como “Alma” (2012), “Canto” (2014) e “Maria” (2018), além de ter lançado um álbum dedicado a Tom Jobim: o lírico “Carinho Canta

Tom Jobim” (2016).

A ligação de Carminho com o Brasil, cultivada ao longo de mais de duas décadas de carreira, permanece forte e se materializará em novembro com sua participação no Festival Fado 2025. As apresentações estão programadas para Rio, São Paulo e Brasília, prometendo levar aos fãs brasileiros as novidades sonoras deste álbum experimental. “O público brasileiro é extraordinário. Varia de cidade para cidade – e isso é fabuloso”, celebra a artista, reconhecendo a receptividade especial que encontra no país, onde já colaborou com nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso, Marisa Monte e Milton Nascimento.

Renovar é preciso!

Carminho pela poesia experimental portuguesa, especialmente através da obra de Ana Hatherly. A poeta, que viveu entre 1929 e 2015, empresta seus versos para duas composições significativas: “Saber” e “Balada do País que Dói”, esta última lançada como primeiro single em setembro. Em “Saber”, Carminho musicou versos da fase mais lírica de Hatherly, explorando o conhecimento além da racionalidade para criar vínculos afetivos. Já “Balada do País que Dói” apresenta um jogo de palavras melancólico sobre a condição portuguesa, combinado a um arranjo que mescla guitarra portuguesa, guitarra elétrica, mellotron e viola de fados.

É isso mesmo? Carminho em versão eletrônica? Ora, pois! A experimentação sonora constitui um dos aspectos mais interessantes do álbum, com o destemor da artista em incorporar elementos da música eletrônica como o vocoder e mellotron. Carminho assume a influência de Annette Peacock, uma das precursoras da música eletrônica desde os anos 1960, e Wendy Carlos, compositora das trilhas sonoras de clássicos cinematográficos como “Laranja Mecânica” e “O Iluminado”. “Essas mulheres tiveram um papel admirável ao experimentarem novas possibilidades de uso das vozes femininas. Sem elas eu não teria feito este álbum”, destaca Carminho.

Divulgação



Uma montanha de pancadas

Dwayne Johnson, o The Rock, encara seu primeiro papel dramático ao interpretar Mark Kerr, o multicampeão de MMA nos anos 1990 e 2000

The Rock é lutador viciado em opioides no primeiro filme solo do realizador Ben Safdie

Por Alessandra Monterastelli
(Folhapress)

Mais do que o corpo monumental de Dwayne Johnson, o The Rock, são as emoções reprimidas de seu

personagem que o filme “Coração de Lutador” parece querer escancarar. Dirigido por Ben Safdie, ele vive Mark Kerr, atleta de MMA viciado em opioides. É a primeira vez que Johnson, astro musculoso de longas de ação como “A Múmia” e “Velozes e Furiosos”, vive um papel dramático.

Hoje aposentado, Kerr foi campeão de UFC na modalidade peso pesado e é um dos grandes nomes do vale-tudo nos Estados Unidos. Nos anos 2000, ele falou publicamente sobre sua luta contra o vício em drogas no documentário “The Smashing Machine”.

“Coração de Lutador” começa com uma luta de Kerr no Brasil, em 1997, no World Vale-Tu-

“Não acho que força e vulnerabilidade se cancelam. Há força na vulnerabilidade”

Ben Safdie

do Championship, quando ele derrotou Fabio Gurgel. A partir dali, o lutador entrou no auge de sua carreira, conquistando título atrás de título.

No filme, Johnson aparece dando entrevistas a jornalistas como Kerr, dizendo que não consegue nem imaginar uma derrota sua - porque nunca havia acontecido.

Kerr começa a tomar opióides para amenizar as dores no

corpo depois de tomar socos, chutes e joelhadas, e a exceção se tornou regra. Além do desconforto físico, a droga parece aliviar uma angústia existencial do lutador.

Ao contrário do que se esperaria de um lutador peso-pesado, Kerr é delicado e gentil fora do ringue. Ele parece reprimir as próprias emoções, o que aprofunda o vício e piora um relacionamento já conturbado com

a sua namorada. “Não acho que força e vulnerabilidade se cancelam. Há força na vulnerabilidade”, diz Safdie, em entrevista. A vontade de fazer “Coração de Lutador”, ele conta, partiu do lugar de fã - ele próprio luta boxe, e é um admirador de Kerr.

A empreitada é o primeiro longa solo de Safdie, que até agora tinha dirigido cinco filmes, todos com o irmão, Josh - entre eles “Bom Comportamento”, protagonizado por Robert Pattinson, e “Jóias Brutas”, drama estrelado por Adam Sandler em 2019.

Os dois puseram fim à parceria no ano passado. O rompimento foi causado por um desentendimento entre eles, segundo rumores divulgados na imprensa americana. Josh deve lançar, ainda este ano, “Marty Supreme”, protagonizado por Timothée Chalamet. Coincidência ou não, o filme também narra a história de um atleta, ainda que seja uma ficção vagamente inspirada na trajetória do tenista de mesa Marty Reisman.

Diferente da norma para cinebiografias de atletas, Safdie diz que estava menos interessado na estrutura narrativa que vai do auge à queda. Sua vontade era mais fazer um retrato das emoções do lutador que, entre vitórias e derrotas, precisava lidar com o vício e um relacionamento tóxico.

“Coração de Lutador” teve uma boa recepção no Festival de Veneza, onde fez sua estreia em agosto. Safdie foi coroado o melhor diretor da edição, e o filme chegou a ser cotado como um competidor do Oscar. Nos Estados Unidos, porém, a bilheteria foi morna, e o longa se tornou a pior estreia de Dwayne Johnson nos cinemas.

O filme arrecadou apenas US\$ 5,9 milhões, valor considerado baixo para o potencial do público americano, ainda mais se tratando de uma história estrelada por um astro como o The Rock. Resta saber se “Coração de Lutador” chegará com fôlego na entrada do Dolby Theater, em Los Angeles, no dia 15 de março.

Wim Wenders revê sua estrada

'Paris, Texas'
volta a circuito,
em cópia
restaurada,
na celebração
dos 80 anos
do cineasta
alemão

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Wim Wenders acaba de chegar aos 80 anos e emenda um curta-metragem autoral atrás do outro, sendo que "The Keys to Freedom", recém-finalizado, é o trabalho mais recente de uma carreira consagrada com a Palma de Ouro, em 1984, por "Paris, Texas". Em meio ao aniversário do diretor alemão, uma versão restaurada desse cult começou a correr telas do mundo, com exibição de gala até no Festival de Cannes, onde construiu sua fama, quatro décadas atrás.

No circuito carioca, uma série de salas de projeção abriu suas telas para uma revisão histórica dessa produção de US\$ 1,5 milhão. Tem sessões no Cine Santa Teresa (às 19h45), no Estação NET Botafogo (18h e 21h) e no Cinesystem Belas Artes (15h30, 18h20 e 21h10) nesta terça e na quarta. Muitos consideram essa narrativa um marco da estética on the road, de pé na estrada.

Ao ser laureado com um prêmio honorário do Júri Ecu-mênico de Cannes, em 2024, pelo conjunto de uma trajetória pela criação artística iniciada em



Divulgação

Wim Wenders:
'Talvez eu seja analógico. Sou dos tempos dos discos de vinil e ainda ouço rock'n'roll neles. Sou do tempo em que se ouvia o mesmo LP durante semanas'

Jane (Nastassja Kinski) é uma mulher misteriosa que precisa enfrentar os fantasmas do passado em 'Paris, Texas', que ganhou a Palma de Ouro de 1984



Divulgação

1967, Ernst Wilhelm Wim Wenders assumiu: "Nós, cineastas, não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar a imagem que fazemos do planeta".

Na ocasião, ele havia acabado a montagem do filme "Alguém Vem À Luz" ("Somebody Comes Into The Light"), realizado em paralelo às filmagens de "Dias Perfeitos" ("Perfect Days", pelo qual concorreu ao Oscar), com o dançarino Min Tanaka. Entre as mudanças mais radicais que sua obra proporcionou à forma como o audiovisual representa a realidade está a maneira de enquadrar o vazio

existencial de um mundo que se despedia das filosofias modernas para entrar na pós-modernidade, o que se vê em "Paris, Texas".

"Eu venho de uma escola de cinema independente, de uma prática lá dos anos 1960 e 70 de parques recursos. É assim que invento", disse Wenders ao Correio da Manhã, em Cannes, ao explicar os dribles que teve de fazer para filmar "Paris, Texas" nos EUA. "Quando chegamos na Croisette pra disputa pela Palma de Ouro, o filme havia acabado, literalmente, de ser finalizado, pois o material que tínhamos

para apresentar foi revelado nas vésperas da exibição".

A versão de "Paris, Texas" que está em cartaz no Brasil partiu de uma cópia restaurada digitalmente, com o negativo original 35mm aprimorado em 4K na L'Imagine Ritrovata, em Bolonha, com apoio financeiro do CNC. A restauração e a correção de cor foram realizadas na Basis Berlin Postproduktion, com apoio da Chanel e do Programa de Financiamento do Patrimônio Cinematográfico Alemão (FFE).

A trama abre com planos de desolação. No meio do nada, um homem magro, de terno escuro e boné de beisebol vermelho surge no calor escaldante do deserto entre os Estados Unidos e o México. O seu nome é Travis (papel de Harry Dean Stanton). Ele bebe um último gole de água e segue em frente, obstinadamente, para uma região inóspita que os moradores chamam de "Parque do Diabo". Travis pode parecer mudo e perdido, mas é movido pelo desejo de se reconectar com a família.

O roteiro foi estruturado a partir de um trabalho com o

ator e do dramaturgo Sam Shepard (1943-2017), que estava no apogeu de sua fama. Cerca de dois anos antes de "Paris, Texas", Wenders tentou que esse autor teatral trabalhasse em seu filme "Hammett", de 1982, mas não teve êxito no convite. Con-

tudo, Shepard concordou que eles adaptassem livremente um de seus melhores escritos, "Motel Chronicles". Acabaram por desenvolver uma história sobre dois irmãos, um dos quais havia perdido a memória. Esse projeto cresceu para 160 páginas, o relacionamento dos irmãos perdeu importância e vários finais foram considerados.

Uma releitura posterior desses escritos gerou o "Paris, Texas" que conhecemos hoje. "Tento dar espaço a histórias em que as rotinas do dia a dia se expressem poeticamente", disse Wenders no jardim de um hotel em Cannes.

Ao longo de sua dedicação à telona, ele foi agraciado com indicações aos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood três vezes pelas suas incursões ao terreno da não ficção. Concorreu com "Buena Vista Social Club" (1999), no qual revisita a música cubana. Depois, foi à festa hollywoodiana com "Pina" (2011), sobre a coreógrafa Pina Bausch. Em 2015, chegou ao Brasil, realizando em dupla com Juliano Salgado "O Sal da Terra", um trabalho fotográfico e antropológico sobre Sebastião Salgado. Há algum tempo que o artesão existencialista por trás de pérolas como "Asas do Desejo" (1987) não fazia uma ficção tão boa quanto "Dias Perfeitos", rodado no Japão, e hoje disponível na MUBI. A personagem central dele é um zelador que limpa casas de banho públicas, ouve rock em fitas K-7, lê livros e gosta da sua rotina de vida.

"Talvez eu seja analógico", diz Wenders. "Sou dos tempos dos discos de vinil e ainda ouço rock'n'roll neles. Sou do tempo em que se ouvia o mesmo LP durante semanas".

CORREIO CULTURAL

Brasil em alta nas
bolsas de apostas
de Hollywood

Divulgação

Spike Lee diz guardar órimas lembranças do Rio

Spike Lee virá ao Rio lançar filme e visitar Pequena África

O cineasta Spike Lee estará no Rio para programação que inclui uma sessão do seu filme "Luta de Classes", no próximo domingo (19), e uma roda de conversa na Pequena África no dia seguinte. A exibição no Cinesystem Botafogo, às 17h, faz parte de agenda do Festival do Rio. No dia seguinte, às 10h, o diretor participa de um encontro na Casa Savana para debater inclusão e diversidade.

No fim de agosto, Lee prometeu que estaria no Rio até o fim deste ano, quando também receberá o título

de cidadão honorário. "Amo o Brasil, me sinto honrado e tenho que pedir perdão a vocês por ainda não ter ido receber essa honraria, mas eu estarei no avião até o fim do ano", afirmou na ocasião. "Toda vez que eu ouço qualquer música do meu irmão Michael Jackson, eu lembro de um dos melhores momentos da minha vida, quando estive com o Mike no Brasil. Juro por Deus", disse, referindo-se ao clipe de "They Don't Care About Us", gravado com o Rei do Pop no Morro Dona Marta e no Pelourinho.

Criança trans

Ingrid Guimarães fará sua estreia em dramas ao estrelar o filme "Minha Criança Trans?", com lançamento em 2027. O filme retrata a trajetória de Thamirys Nunes, mãe e fundadora da ONG que inspirou a produção.

Criança trans II

Seu ativismo surgiu a partir da vivência a filha Agatha, uma menina trans. Nas redes sociais, Thamirys aborda temas como identidade de gênero e dinâmica familiar para conscientizar o público e apoiar outras famílias.

Criança trans III

A produção traz nomes como Mariana Ferraz, Alexandra Maia e Guilherme Coelho, da Matizar Filmes, além de Ingrid. A distribuição será feita pela Vitrine Filmes - produtora independente por trás do longa brasileiro "O Agente Secreto".

'O Agente Secreto' está entre favoritos ao Oscar da revista The Hollywood Reporter

A medida em que o fim do ano se aproxima esquentam a bolsa de apostas das revistas e sites especializados em cinema em relação ao Oscar 2026. Depois da consagração de "Ainda Estou aqui", de Walter Salles, o audiovisual brasileiro volta a despertar a atenção internacional com "O Agente Secreto". O longa de Kleber Mendonça Filho acaba de ser incluído pela revista estadunidense Hollywood Reporter entre os favoritos ao Oscar de 2026.

O thriller político estrelado por Wagner Moura e escolhido pela Academia Brasileira de Cinema para representar o país na premiação figura, segundo a publicação, a receber indicações em cinco categorias principais: melhor filme, melhor diretor, melhor ator, melhor roteiro e melhor filme internacional.

A produção se passa durante a ditadura militar brasileira nos anos 1970, mesmo período histórico retratado em "Ainda Estou Aqui", que conquistou o Oscar de melhor filme internacional neste ano.

As listas da Hollywood Reporter, segundo a própria publicação, são elaboradas com base nas campanhas promocionais das produções, conversas com votantes da Academia e análise de levantamentos estatísticos. O método confere credibilidade às previsões,



Victor Jucá/Divulgação

Wagner Moura e Kleber Mendonça Filho no set durante as filmagens de 'O Agente Secreto'

uma vez que a revista é considerada uma das principais referências do mercado cinematográfico dos Estados Unidos.

Na disputa por melhor filme, "O Agente Secreto" concorre com produções de peso como "Uma Batalha Após a Outra", do consagrado diretor Paul Thomas Anderson, "Hamnet: A Vida Antes de Hamlet", da cineasta chinesa Chloé Zhao, e "It Was Just an Accident", do iraniano Jafar Panahi. A presença do filme brasileiro nesta categoria principal representa um feito significativo, considerando a competitividade internacional.

Kleber Mendonça Filho, que assina direção e roteiro, aparece entre os favoritos a melhor diretor ao lado de nomes estabelecidos como Paul Thomas Anderson, Chloé Zhao, Ryan Coogler e Joachim Trier. O cineasta pernambucano, conhecido por obras como "Aquarius" e "Bacurau", consolida assim sua posição no cenário inter-

nacional após anos de reconhecimento em festivais europeus.

Wagner Moura, protagonista da produção, figura na disputa de melhor ator principal competindo com Michael B. Jordan, Leonardo DiCaprio, Jesse Plemons e George Clooney. Para o ator brasileiro, conhecido internacionalmente por "Narcos" e "Elite Squad", a indicação representa o reconhecimento de sua versatilidade artística em um papel dramaticamente desafiador.

Na categoria de melhor roteiro, o texto de Kleber Mendonça Filho concorre com "Sentimental Value", de Joachim Trier e Eskil Vogt, "Pecadores", de Ryan Coogler, "Casa de Dinamite", de Noah Oppenheim, e "Jay Kelly", de Noah Baumbach e Emily Mortimer. A presença nesta categoria técnica demonstra o reconhecimento da qualidade narrativa da obra.

Entre os favoritos de melhor filme internacional, "O Agente Secreto" disputa com "Sentimental Value" (Noruega), "It Was Just an Accident" (França), "No Other Choice" (Coreia do Sul) e "2000 Meters to Andriivka" (Ucrânia).

Um ponto de virada na ditadura

Reprodução Site Avosidade

Divulgação

Luta e angústia de geração da USP contra o regime militar de 1964 são resgatadas em livro de José Ruy Gandra

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

O dia 8 de agosto de 1977 marcou um ponto de virada para os estudantes de direito da USP, no Largo de São Francisco. Cerca de 2 mil jovens se reuniram ao redor do professor Goffredo da Silva Telles Jr., que leu a “Carta aos Brasileiros”, chamando a atenção da sociedade para os abusos cometidos pela ditadura militar. Era um gesto a favor da democracia, que serviu para mobilizar os alunos e instaurar ali uma luta contra o regime militar.

O documento seria lido três vezes, a cada vez para um público maior. A escolha de Telles como orador fora estratégica: o advogado tinha horror ao marxismo, tendo apoiado a ação integralista na juventude.

A luta dos alunos do Largo de São Francisco contra a ditadura é resgatada agora no livro “O Espírito de Um Tempo de Lutas”, escrito por José Ruy Gandra, historiador e jornalista. “Meu entusiasmo pela pesquisa para o livro se acentuou com a realidade do Brasil. Vimos o golpismo ser tolerado e estimulado por Bolsonaro, então essa obra acabou ganhando relevância política e histórica”, afirma ele, que estudou



“É uma geração que, na primeira metade da década, tinha uma angústia sartriana, porque a liberdade sexual estava começando, mas havia grande timidez. Essa angústia tomou o caminho do enfrentamento à ditadura logo quando a economia brasileira parou de bombar e entrou em uma grave crise”

José Ruy Gandra

na faculdade.

Para a realização do livro, o autor fez pesquisas nos acervos dos principais jornais do país e entrevistas com contemporâneos da geração que frequentou as arcadas

do prédio histórico, entre 1976 e 1980.

Fundada em 1827, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco formou, em seu prédio de estilo neocolonial, escritores

seminais da literatura do país, como os poetas Álvares de Azevedo, Alphonsus de Guimarães e Oswald de Andrade, além do romancista José de Alencar. Despontam ainda entre os notáveis os juristas Hélio Bicudo e Miguel Reale Júnior, além do ex-presidente Michel Temer e de Ulysses Guimarães, que presidiu a Assembleia Constituinte.

Além da pesquisa, “O Espírito de Um Tempo de Lutas” diferencia-se por seu esteio memorialista. O autor estava lá, viu e ouviu tudo e entendeu ser importante contar a história, considerando também o que ocorria além das arcadas.

Gandra rememora a sua geração como um grupo heterogêneo, vivendo as contradições da época. “É uma geração que, na primeira metade da década, tinha uma angústia sartriana, porque a liberdade sexual estava começando, mas havia grande timidez. Essa angústia tomou o caminho do enfrentamento à ditadura logo quando a economia brasileira parou de bombar e entrou em uma grave crise”, lembra.

A contradição sentimental daqueles jovens espelhava, segundo o primeiro capítulo do livro,

o que o autor chamou de década cindida. De um lado, o aparato repressivo da ditadura se tornava presente com a censura e a redução dos direitos com o AI-5 (Ato Institucional número 5). Do outro, a máquina de propaganda do regime militar usava a vitória da seleção brasileira na Copa de 1970 como estratégia de autopromoção, alardeando também o milagre econômico.

A leitura da carta, no Largo de São Francisco, provocou diferentes reações: engajou a juventude, mas incitou os militares contra o ambiente universitário. A rigor, desde o início daquele ano, os alunos haviam organizado várias passeatas, narradas em detalhes no livro. Em agosto, tropas da polícia cercaram a faculdade e lançaram, dos blindados, bombas de efeito moral.

Três meses antes, os jovens reiteraram a condição do Largo de São Francisco de ser um “território livre” e convocaram um protesto contra a prisão de três estudantes e três sindicalistas, que distribuíam panfletos para engajar o operariado da região do ABC paulista.

Pouco a pouco, diz o livro, o movimento estudantil da USP se separou em subgrupos ideológicos, como Libelu, Refazendo e Caminhando.

O engajamento dos uspianos culminaria no episódio da invasão ao campus da PUC, onde alunos de diferentes faculdades se reuniram para o Encontro Nacional dos Estudantes. Cerca de 900 pessoas foram detidas, algumas delas encaminhadas ao Dops (Departamento de Ordem Política e Social).

Como o autor mostra no livro, a vinda do papa João Paulo II, em 1980, foi determinante para a abertura democrática.

João Paulo II, recorda Gandra, tornou-se patrono de sua geração, mesmo sendo, em sua maioria, laica. “Todos os movimentos pegaram carona dele, porque você tinha ali uma figura progressista, que foi um baita alento para todo mundo que estava sufocado ali dentro”, diz o autor. “Ele atacou a pobreza, a concentração de terras, defendeu os favelados e expôs a ditadura para o mundo.”



CUMBUCO | CE

TOUROS | RN

ECO RESORT DO CABO | PE



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!



ALAGOAS | AL

MARÉS | BA

ECO RESORT DE ANGRA | RJ